



O Gaiato



ORTE
PAGO

Quinzenário • 5 de Novembro de 1977 • Ano XXXIV — N.º 878 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

DOCTRINA

Se eu soubesse escrever com encanto, havia de encantar todos com a descrição do panorama onde me encontro.

O dia está sereno. E as grandes árvores que me abrigam estão a deixar cair a folha. Na rectaguarda está o Campo Santo, dos mortos da cidade. Na frente, a cidade desce por toda a encosta da serra. Ao longe é a planície fértil em agricultura e árvores de fruto.

É ambiente de silêncio e meditação. É fácil encontrarmos aqui Deus e os homens. Deus presente em toda a Criação, em todas as manifestações de vida. Deus associando o homem à sua missão de criador. O homem manifestando sua vida por sinais. Ouve-se o ruído de muitas fábricas, sente-se o movimento das ruas, vê-se o ambiente em renovação.

O silêncio no Campo Santo é profundo. É lugar de repouso. A vida acabou. O empregado da limpeza move-se, mas não quebra o silêncio. As pessoas que entram e saem não quebra o silêncio. Está próximo

o Dia de Fiéis Defuntos e todos procuram recordar com recordações. Todos procuram dar vida, mas esta vida acabou para todos os que ali repousam.

E continuo a ver na minha frente a grande planície e ao longe outra serra e depois o mundo todo em movimento.

A viagem, até aqui, demorou quase quatro horas e eu sempre ao volante da «Opel». Logo à noite regressaremos pelo mesmo caminho e do mesmo modo. Nos centros de mais população recolheremos os nossos pequenos vendedores de O GAIATO que por ali deixámos. Hoje ficou um pela primeira vez na vila da Sertã. Na próxima quinzena deixaremos um na vila de Figueiró dos Vinhos e outro na de Proença-a-Nova. A fé em Deus que nos anima e nos guia e o amor aos homens que nos força a caminhar, impele-nos a descobrir outros caminhos onde encontraremos outros Irmãos.

A hora é de procura. A hora é de inquietação. O repouso é para os que jazem no Campo

Santo. O mundo continua na minha frente em movimento. Chama por mim. Obriga-me a trabalhar. Obriga-me a escrever. Obriga-me a fazer viagens. Obriga-me a amar.

Por amor quero inquietar. Inquietar os mortos na vida. Inquietar os mortos que não pertencem ao Campo Santo. Inquietar os instalados. Inquietar os destruidores da imprensa, das telecomunicações, dos comícios, dos plenários, das sessões de esclarecimento, das comissões de luta. Inquietar os que andam inquietos por um amor que não é autêntico.

Por amor quero animar. Animar os que se julgam mortos porque perderam o sentido da vida; estavam e agora sentem que não estão. Animar os que perderam a família e os que se perderam. A vida terrena é uma peregrinação. Só pode ter sabor de passagem. O repouso só no Campo Santo e na Casa do Pai do Céu. Que a nossa vida produza cravos viçosos como aqueles que vejo entrar no Campo Santo.

Padre Horácio

Partilhando

● Cá em Casa, há muitos lugares de responsabilidade cuja importância está em assumir, no fundo, o porquê e o «como» das situações novas ou velhas que o dia-a-dia traz ao de cima sem perdoar. Um desses lugares é o de chefe do grupo da lenha. A pequenada da Escola e Telescola entra no grupo. Pela idade deles vem a dificuldade na escolha de quem os deve acompanhar, actuando, estando, como presença dinamizadora mas amiga. É muito difícil o exercício e cumprimento responsável dessa missão tão positiva como ingrata. Este ano tivemos a esperança quase nas mãos, quando o João ao reprovar no 5.º ano por causa do inglês, ficou disponível para servir, chefiando. Não quis; e quer ir para Inglaterra servir num emprego que a irmã lhe arranjou. Uma tentação. Um risco. Um efeito. Ninguém leve a mal. É uma opção aos 17 anos. A razão, ainda que forte, pode deixar o sentimento à vontade. É o caso. Mas ninguém é insubstituível e soubésemos

nós acreditar no nada aberto por qualquer vazio, em verdade. Temos medo. E o medo tanto dá para orgulhos, como para humildades.

● O nosso pão é feito aqui e daí as consequências próprias. Pão mau, pão bom, falta de pão. O problema é esse! A conclusão é a falta de boa vontade do padeiro. Tivemos que o substituir como última solução. Não hesitámos, pois o bem da Comunidade está acima de todas as razões. E se não há quem o substitua em preparação, pelo menos alguém o vai substituir em boa vontade, em esforço e tentativa de mais responsabilidade. O Fernandinho está à prova, mas o pão será comido juntamente com o suor dos problemas, sabe-se lá até quando... Mas com esperança sempre ao lado. Substituição só, não vai chegar... e alguém fez o reparo que o antigo padeiro deve responder perante a Comunidade, pelo

Cont. na 3.ª pág.



A «Ford» da Casa do Gaiato de Benguela também merece aparecer aos nossos leitores. Ela é uma presença da Igreja dos Pobres nesta cidade e seus arredores.

PRESENÇA

«Ainda aí estará a Irmã Camilo?» — me perguntaram de longe.

Na ida ao Lubango, por P.e Manuel, inquietos. Estava. E está de pedra e cal, como tivemos ocasião de observar.

Do Lubango à Chibia é um salto de quarenta e tal quilómetros por excelente asfalto. Meia hora para cada lado.

A pequenina comunidade de quatro Irmãs vive nas dependências da igreja com cinquenta raparigas que ali têm o seu lar. Escola, trabalhos, residência — tudo ali cabe com uma eficiência que, por ser patente, não é vazia de mistério. A sacristia é sala de estudo e de trabalhos. À noite, os móveis desentam divãs e colchões que, durante o dia, esconderam sob ou atrás de si — e eis a camarata das mais pequeninas. As mais velhas têm a sua composta de beliches. Não há um centímetro desaproveitado, como também não o aspecto de uma casa amontoada. Tudo tão discreto, tão inteligentemente arrumado, que parece sempre disponível para mais um milagre de multiplicação do espaço, se a necessidade urgir. Ao lado, o quartinho da Irmã

que mais de perto assiste as pequenas. Depois, em ala adjacente, a cozinha; a salita de comer e o cartório que é o lugar de muitos trabalhos apostólicos e do acolhimento a quem aparece. Do outro lado do eixo da igreja, os quartos das outras Irmãs e uma pequenina sala polivalente, onde come o visitante que passa e talvez a comunidade goze um pouquinho de lazer, se o tempo der para tanto.

Todo este conjunto se desenvolve em torno da capela-mor, qual charola de velho mosteiro medieval preparada para a acção litúrgica da Caridade.

A igreja não é bela, mas ostenta um zelo, talvez ingénuo, de decoração. Irrepreensível de asseio e de ordem, colhe-se da pobreza do seu recheio um perfume de dignidade. Sabe bem ali estar. Convida à oração.

Ali perto, também sob os seus cuidados, funciona um lar para Terceira Idade que distribui pão e carinho a vinte pessoas. A pequenina horta, o que produz é para os Pobres.

Este grupo de Irmãs, para quem a juventude

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

TORNEIO DAS VINDIMAS/77 — Organizado pelo Desportivo da Casa do Gaiato e Grupo Recreativo de Paço de Sousa e com o apoio da Direcção Geral dos Desportos, realizou-se em nossa Casa um festival desportivo denominado «1.º Torneio das Vindimas/77». Aberto a todos os centros culturais e recreativos dos concelhos de Penafiel e Paredes, compareceram alguns, com um número total de quinhentos atletas inscritos nas várias modalidades do torneio: atletismo, natação, salto em altura, damas e ténis de mesa.

Começou no dia 23 de Setembro com o hastear da bandeira alusiva ao torneio, cerimónia feita pelos nossos «Batatinhas», seguindo-se provas de atletismo e natação. Prolongou-se através de uma semana com eliminatórias de ténis de mesa e damas. O torneio veio a terminar num fim de semana, 1 e 2 de Outubro, numa autêntica emoção desportiva devido à dureza das provas, já que se tratava de finais das competições que exigiram eliminatórias. O torneio não terminou com a última prova, a maratona, a que todo o público deu uma atenção especial, por serem quinze duros quilómetros de estrada; terminou, sim, com uma pequena festa e a entrega de prémios aos vencedores e às equipas participantes.

A autêntica vivacidade com que foi vivido este torneio e o comportamento dos atletas e dos espectadores deixaram na organização um estímulo para a valorização do Desporto.

Classificação — Atletismo, 400 metros: Luís (Lagares), Manuel Rocha (Casa do Gaiato), To-Zé (Novelas), Francisco Morais (Lagares) e Daniel Vieira (Lagares).

1.200 metros: José de Jesus Ferreira (Novelas), Vitor Manuel R. Pires (Casa do Gaiato) e Barros (Casa do Gaiato).

3.000 metros: João Manuel Pereira (Casa do Gaiato), Henrique (Casa do Gaiato) e Carlitos (Novelas).

8.000 metros: Manuel Escalreira (Casa do Gaiato), Álvaro de Jesus Candeias (Casa do Gaiato), Manuel de Sá Cunha (Casa do Gaiato), Morgado (Casa do Gaiato) e Sérgio Lopes Cereja (Casa do Gaiato).

Maratona, 15.000 metros: Manuel

de Sá Cunha (Casa do Gaiato), Morgado (Casa do Gaiato), José Joaquim Martins (Lagares), Álvaro de Jesus Candeias (Casa do Gaiato) e João Manuel Pereira (Casa do Gaiato).

Estafeta 4x400 metros: Casa do Gaiato, G. Recreativo de Paço de Sousa e TEPS.

Ténis de Mesa: Daniel Pinto (Novelas), José Manuel Teixeira (Novelas), Fernando Malheiro (Novelas) e Manuel António Teixeira (Novelas).

Damas: Adriano Balduino (G.R.P.S.), Miguel Ribeiro Capela (Retorta), Adriano Martins (Lagares) e Herculano Reis (G.R.P.S.).

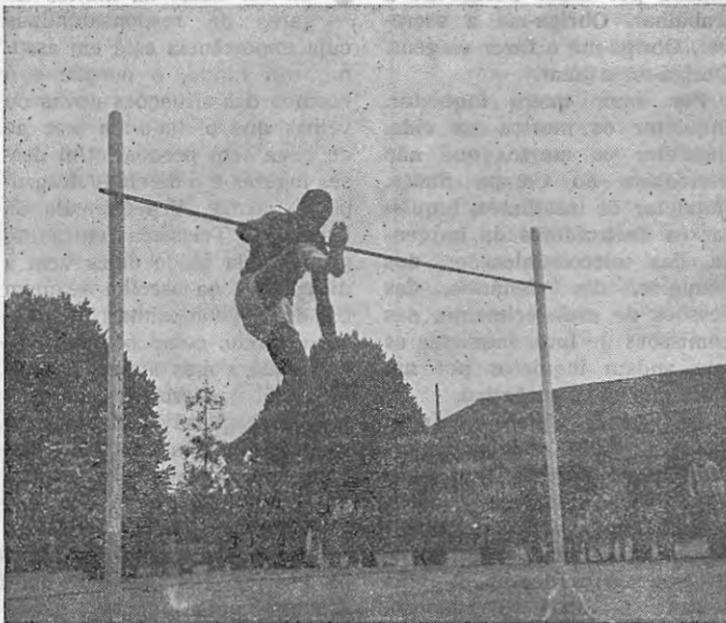
Salto em altura (adultos): Jorge Alvor (Casa do Gaiato), José Miguel Rodrigues (Casa do Gaiato) e Álvaro

e Sérgio Lopes Cereja (Casa do Gaiato).

25 metros Mariposa (adultos): Sérgio Lopes Cereja (Casa do Gaiato), Álvaro de Jesus Candeias (Casa do Gaiato) e Humberto Jorge (Casa do Gaiato).

Classificação geral individual: Álvaro de Jesus Candeias, 30 pontos; Sérgio Lopes Cereja, 21 pontos; Jorge Alvor 18 pontos — todos da Casa do Gaiato.

Classificação geral por equipas: Desportivo da Casa do Gaiato, 96 pontos; Centro Cultural de Novelas, 18 pontos; Grupo Recreativo de Paço de Sousa, 15 pontos; Centro Cultural de Lagares, 6 pontos; Lusitano Clube de Retorta, 6 pontos.



Jorge Alvor («Eusébio») — vencedor na salto em altura

de Jesus Candeias (Casa do Gaiato).

Infantis: António José (Casa do Gaiato), Paulo Mendes (Cavadas) e «Porto» (Casa do Gaiato).

Natação, 50 metros infantis (a): Manuel Joaquim Miranda (Casa do Gaiato), José Carlos (Casa do Gaiato) e Victor Manuel Pires (Casa do Gaiato).

75 metros livres infantis (b): José Joaquim Martins (G.R.P.S.), José Carlos Vieira (Casa do Gaiato) e «Xabregas» (Casa do Gaiato).

100 metros livres (adultos): Humberto Jorge (Casa do Gaiato), Álvaro de Jesus Candeias (Casa do Gaiato)

De assinalar ainda que foram distribuídos dois prémios extras: o primeiro ao Oliveira e o segundo ao Bernardino pela sua colaboração no torneio, pois tiveram a seu cargo a parte sonora. Muito especialmente para o José Alves vai o nosso agradecimento pelas fotografias. E também a todos que conosco colaboraram com a oferta de prémios, tanto o Comércio local como alguns particulares.

Termina, assim, uma grande festa do Desporto. Esperamos que esta alegria e vivacidade perdurem e dêem os seus frutos.

FESTA — Já havia sido prometido, no fim do ano transacto, mas como não houve oportunidade ficou para agora. Consistia em fazermos uma festazinha em casa da esposa do Avelino, que também anda a estudar e nos convidou a festejarmos a despedida do ano lectivo.

Oito horas era o que estava marcado; mas como entretanto começou o folhetim «Gabriela», da Televisão, a malta interessada principiou a comer mais tarde. A ementa constou de calde verde, um arrozinho com miúdos de galinha e batatas fritas. Não faltou, porém, o bom vinho que há em casa dela.

P.e Moura e P.e Abel também estiveram presentes na festa. No final, quem quis tomou café e seguiu-se um serão com música de viola, pelo Miguel. Foi uma festa familiar a alegre. Obrigado Zézinha!

dantes. O que é preciso é andar para a frente!

Os da Escola Primária já lá andam. E os nocturnos mais os do Lar do Porto para lá caminham.

Oxalá corra tudo bem!

VINDIMAS — A nossa vindima começou e não tarda a acabar.

Já não era sem tempo, pois nalgumas ramadas vários cachos já começavam a apodrecer.

Este trabalho, levado a sério, não é nada custoso. Daí que tenhamos que nos apressar, porque, em geral, todos os anos toca um pouco a todos nós.

Dia 22 de Outubro, da parte de manhã, adiantámos todos juntos a nossa vindima. Serafim, com o tractor, comandou as operações. E tudo no seu devido lugar. Tem sido uma azáfama constante!

Este ano teremos pouco vinho! No ano transacto tivemos muito mais. Paciência. Não poderemos vender quase nada da colheita...

CONVÍVIO — Não sei se os leitores se lembram que o nosso grupo das Festas actuou em Alfena. E a amizade foi prémio da nossa Festa.

Entretanto, o nosso Jaime foi lá parar um domingo com eles. Verificou, então, que o Salão Paroquial tem um Conjunto e que talvez fosse possível actuar em nossa Casa. Assim aconteceu. Dia 23, por acaso um belo domingo, estiveram cá e apresentaram algum do seu numeroso repertório. Todos eles são amadores. Actuam com instrumentos do Salão Paroquial e apenas para passar o tempo, não ganhando dinheiro, mas todo ele reverte a favor do Centro.

A malta lá esteve, acompanhando-nos nalgumas canções. Até o P.e Abel cantarolou.

No meio da primeira parte, os nossos mais novos correram para fora do salão a fim de procurarem a sua merenda. E regressaram imediatamente. Entretanto, como eles estivessem a comer, apareceu à baila a bonita canção da «Joana come a papa»...

Foi um domingo alegre, bem passado!

Não podemos deixar de agradecer a companhia deste grupo de Alfena.

Deixamos também o aviso de que se algum Conjunto amador estiver interessado em passar um domingo conosco... força! É só apitarem para marcarmos hora.

OUTONO — As folhas principiam a cair. Folhas caducas... E as carrelas dos nossos «Batatinhas» — com João no comando — entram, agora, mais do que nunca, em funcionamento.

É vê-los em grupo, com vassouras de codeços, limpando a parte fronteira da casa-mãe da nossa Aldeia. Vagorosamente, calmamente, eles apanham tudo o que podem.

Outono!

As árvores despen-se

E as folhas tombam

Na calçada fria...

Outono!

Mãos pequeninas

Apanham folhas

Caídas no chão,

Por entre o sol

Amarelo, bonito,

Já não é Verão...!

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

TERCEIRA IDADE — Há dias, em conversa amena com um vicentino d'algures, ele desabafa, com amargura, problemas da Terceira Idade; particularmente um que, a seus olhos, é escandaloso.

Trata-se de uma senhora idosa e doente, absolutamente desamparada da família, particularmente de um filho que, nesta sociedade de estranhas promoções, trepou para a nova burguesia proletária reinante, desprezando ainda mais — diríamos completamente — aquela que lhe deu o ser!!

Pelas mãos dos recoveiros dos Pobres, de norte a sul do País, há muitos casos idênticos sem solução!

O mesmo acontece noutros países do Mundo, é certo, até nos mais ricos!!

Por isso, já há muito tempo que tencionávamos transcrever, nesta coluna, alguns pontos fulcrais da oportuníssima Declaração do Episcopado norte-americano sobre a Terceira Idade, publicada há cerca de ano e meio.

Aí vai a primeira parte:

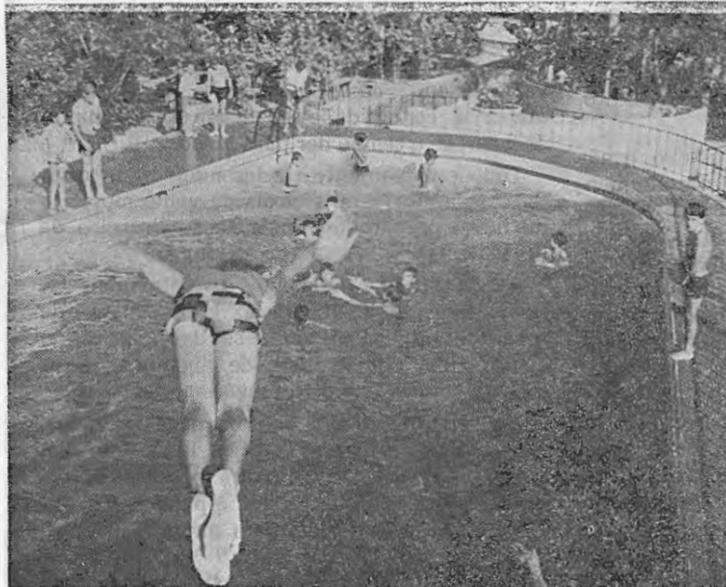
«Os Estados Unidos estão a enfrentar hoje em dia um estranho paradoxo: são um país decadente que se apaixona pela cultura, pelos valores e por tudo o que aparenta juventude. Em vez de olhar a velhice como um resultado e uma etapa normal da vida com os seus méritos, a sua sabedoria e a sua beleza próprios, a sociedade americana desampara, rejeita e abandona muitas vezes as pessoas idosas. Num país em que a mobilidade aumenta sem cessar, onde a célula pais-filhos, bem como a família alargada se debilita, as pessoas idosas encontram-se muitas vezes separadas das suas famílias e das suas comunidades.»

Cerca de 14% dos velhos e 41% das mulheres idosas vivem sós ou com pessoas estranhas à sua família. Muitas pessoas idosas, que não estão privadas de recursos, sentem que são indesejáveis e postas de lado.

A sociedade acabou por considerar a velhice sob um ângulo negativo. Pode notar-se a tendência crescente de famílias que fazem apelo às instituições para tomar conta dos seus membros idosos e também os esforços repetidos de certos funcionários em restringir os privilégios concedidos às pessoas idosas, de modo a reduzir a inflação que pesa sobre o resto da sociedade.

A imagem negativa que a sociedade dá das pessoas idosas reforça o seu próprio sentimento de decadência. O resultado deste infeliz processo é um trágico desperdício de recursos humanos. Recusa-se às pessoas idosas o direito que Deus lhes concedeu de desenvolver plenamente as suas capacidades em todas as etapas da vida; e, ao mesmo tempo, a sociedade recusa o fruto deste desenvolvimento.

Ao rejeitar a terceira idade, não



A natação foi cartaz no «1.º Torneio das Vindimas/77», assim como aconteceu em nossa Casa de Miranda do Corvo.

ANO LECTIVO — Mais um ano lectivo, mais esforço para os estu-

«Marcelino»



Do que nós necessitamos

Os de dentro, pouco se apercebem de quanto bálsamo vêm os nossos Amigos beber aos escritos de Pai Américo e o profundo amor que, por graça de Deus, motiva tantas confissões de alma.

Vejam os leitores, no decorrer desta crónica, quanta alegria connosco repartida, ao comemorar um aniversário de casamento, ao ser aprovado num exame, ou, ainda, ao lembrar sentidamente os seus mortos.

E vamos às presenças:

De Cacia, 100\$ e este cartão:

«Em nome de meu filho, que deverá, em breve entrar para a Faculdade de Medicina e tem andado a trabalhar em obras para ajudar os pais, venho enviar esta pequena migalha, pedindo que orem por ele para ser sempre como tem sido até hoje, e para que Deus o ajude e desvie de todo o mal e das más companhias, para ser um homem de bem. Compramos sempre o vosso jornal, que tantas lições tem dado. Muito e muito obrigado por todo o bem que

fazem para bem da Humanidade.»

Vinte contos, sufragando a alma de Maria Elisa. Mais 200\$ de Maria da Saudade. Por uma graça recebida, 50\$. Castelo Branco, 100\$. De um «Pai de Oeiras», 5.000\$. E um par de botas da Figueira da Foz. Duzentos escudos de anónimo. Cem do Porto. De Águas Santas, 15 quilos de atacadores. De Espinho, «em comemoração de mais um aniversário de casamento, eu e minha mulher enviamos o cheque de 1.000\$ para ajuda do pão dos gaiatos dessa Casa que tanto presamos».

Do Porto, «como parte do reconhecimento que a Deus devo pela concessão de uma grande graça, junto remeto 2.000\$ para essa Obra, agradecendo orações por uma intenção particular». Vinte escudos por alma de Carolina. Mais 100\$ do Porto. Igual quantia, de Lisboa, pelas almas do Purgatório. Cinquenta contos entregues ao P.e Moura. Da Rua da Junqueira, em Be-

lém, 20\$. Roupas do Porto. Mil escudos, «dando graças a Deus por meu filho ter ficado aprovado no exame de admissão à Universidade, lembro a vossa Obra». Anónimo de Leiria com 650\$. Helena com 100\$. De Maria Angelina, 500\$. Velha assinante do Monte Estoril, já nossa conhecida, com 100\$. De um grupo de aquis-tas das Termas de S. Vicente, 400\$. «Junto se enviam 388\$50, referentes ao mês de Julho, produto de 1\$00 mensal oferecido com muita amizade pelas funcionárias da Caixa de Previdência da Indústria Têxtil». Um bem haja pela vossa amizade.

De Ermesinde, M. H. e A. M. enviou-nos 1.500\$ e estas linhas:

«Fazemos hoje, dia 22/9/77, vinte anos que o Senhor nos uniu em Matrimónio. Em agradecimento de tanta felicidade por Ele concedida, queremos repartir convosco um pouco da nossa alegria.»

Cinco presenças mensais de 150\$, sendo 50\$ duma promes-

sa e 100\$ «por alma de meu marido». Por intermédio da nossa recoveira do Bairro da Pasteleira, 820\$. De Gaia, 1.000\$. Dum Emigrante, na Alemanha, 1.166\$20. Mais 750\$ da Rua Domingos Sequeira. Ilda com 100\$. Sufragando a alma de Ana da Conceição, 100\$. Anónimos vários, com várias importâncias: 700\$, 100\$, 1.000\$, 600\$, 350\$, 100\$ e 200\$. De Lisboa, 1.500\$:

«Fazemos hoje 20 anos de casados e achamos que a melhor maneira de celebrar este dia foi pensarmos em vós e enviar-vos um donativo. É pouco, eu sei, mas as posses também não são muitas.

Um abraço dos amigos

Manuel e Ana»

A visita anual que «Os Bairristas do Palácio» nos fazem, juntamente com a amizade que nos dedicam. Desta vez deixaram-nos 1.777\$50. Por alma de António Augusto, 150\$. Sufragando a alma de Maria José, 160\$ do escritório e Sub-

-Repartição de Tráfico dos Telefones de Lisboa e Porto. Ass. 1364 com 1.000\$ retirados da sua pensão social. Pedindo orações, 150\$ da Amadora. Do também já conhecido Pessoal da Fábrica de Malhas Marão, 5.420\$. Duas presenças de 250\$, do Fundão, de pessoa amiga e conhecida. Seiscientos de assinante de Rio Tinto. Quatro meses de pão de um António, 400\$. Mais um anónimo com 250\$. E esta carta de um assinante do Porto:

«Na rua encontrei a nota de mil escudos que vos envio, perdida sabe-se lá por quem, que talvez lhe faça imensa falta. Tentei, junto dos estabelecimentos perto, saber se alguém se teria queixado do descuido que teve. Como não tivesse qualquer notícia, faço remessa dela para que alguém beneficie com o que não pude remediar.»

Do «Grupo Familiar Botões de Rosa», 500\$. Ass. 16264, de Braga, com 360\$. Anónima da Corujeira com 1.000\$, sendo metade pró Calvário. Mais 610\$ de Maria Emília. E 1.000\$ do Grupo de Convívio, Cultura e Recreio do Pessoal de Limpeza da C. M. P., zona n.º 1. Dum Ramiro do Porto, 500\$, sufragando a alma daquele nosso irmão retornado que se suicidou para que a família tivesse habitação.

E é tudo por hoje. Aqui vai o nosso abraço agradecido.

Manuel Pinto

fazemos mais que perpetuar uma injustiça; quando rejeitamos qualquer parte da vida humana, é, de facto, uma parte de nós mesmos e dos nossos laços com a comunidade humana que estamos a rejeitar. Talvez reajamos assim para com as pessoas idosas porque elas nos fazem lembrar a nossa própria mortalidade.

O mandamento bíblico de honrar pai e mãe (Dt. 5, 16) lembra-nos, antes de mais, que a família deve ser um espaço de amor, de respeito e de solicitude quanto aos membros idosos da sociedade. Mas é muito raro que isso aconteça. Numerosas pessoas idosas estão isoladas das suas famílias e do resto da sociedade, no plano físico, cultural, psicológico e espiritual. E, não menos importante: a sociedade priva-se deste grupo, que forma quase 10% da sua totalidade.

A rotura entre as gerações enfrutace os nossos valores como nação e cria uma forma de discriminação — em relação às pessoas idosas — que se pode comparar a outras formas mais largamente reconhecidas a respeito de minorias: as Mulheres, os Pobres e as Crianças ainda não nascidas.

Uma tal ferida precisa ser curada. Uma tal separação apela para uma reconciliação. Por isso, importa repensar as nossas atitudes pessoais à luz dos valores evangélicos. A nossa primeira tarefa é dar às pessoas idosas a dignidade e o sentido do valor que elas merecem.

Como homens religiosos e discípulos de Cristo, que nos chama à reconciliação e ao amor, devemos empenhar-nos, bem como as nossas comunidades, em usar a nossa influência e rezar por que se realize esta reconciliação entre a sociedade e as pessoas idosas...

Ficamos por aqui, não sem fazer uma pergunta: se na América é assim — e levou a hierarquia da Igreja a tomar posição — que dizer do nosso País?!

PARTILHA — Da rua da Lapa, Lisboa, carta discreta com uma nota

de 100\$00 «para a Conferência» e um voto: «que Deus os ajude e lhes dê saúde para ajudarem os Pobres». Ó simpatia!

Uma licenciada em Farmácia, de Rio Tinto, aparece de vez em quando, agora com um remanescente de contos: 172\$50.

Assinante 9790, de Oliveira do Douro, traz sempre Mensagem: Ouçamos:

«Junto um cheque de 500\$00 para as necessidades da Conferência. Agradeço o anonimato.

E, agora, peço uma oração dirigida ao Senhor que tudo pode para que este nosso mundo seja uma autêntica família numa imitação constante da Sagrada Família de Nazaré e que cada um de nós olhe constantemente ao lado pois sempre passa um irmão que precisa de nós.»

Do Porto, assinante 19177, 300\$00. A sua observação é pertinente. «Velha amiga», de Lisboa, os 100\$00 habituais. Oito vezes mais de Monte Estoril. Mais uma «migalhinha habitual» da assinante 11162, do Porto. Por fim, 50\$00 de Torres Novas — tirados à boca!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Setúbal

LAVOURA — Ao escrever para O GAIATO foco dois aspectos: a vida do campo e a das oficinas.

Primeiro, começo a falar sobre o campo, que sr. Padre José Maria comanda nas tarefas fáceis e difíceis e onde tudo há-de ir aos acertos com a responsabilidade de cada um dos Rapazes mais velhos que, por isso, têm obrigação de olhar de uma maneira mais coerente para o futuro. A vida não é como se diz, «comer e dormir». Se não fizermos nada por ela, também não teremos direito a nada.

O Daniel trabalha com o tractor, sem descanso, para realizar as tarefas indispensáveis. Não é só ele! Também outros Rapazes descobriram que o trabalho é necessário à vida.

OFICINAS — O sr. Padre Acílio, por sua vez, comanda as oficinas. Ao princípio com muitas dificuldades, mas agora parece que vai indo tudo bem. Graças a Deus!

Nós não queremos ser como o vento. Queremos é ir para a frente e não para trás. Para a frente é que está o futuro que ambicionamos!

Ainda não há muitos dias me disseram uma palavra: *desenrrasca-te*. Ela despertou-me algo de estranho. Compreendi-a. E fui para a frente! Ora digam-me lá: quem é que não é amigo dos seus interesses? Consegui aquilo que me parecia impossível...

«Garrote»

Benguela

FUTEBOL — Como todos sabem, este desporto é indispensável numa Casa do Gaiato; e, não há dúvida, esta nossa Casa está desenvolvíssima quanto ao desporto das multidões.

Este desenvolvimento tem de ser agradecido a todos os que fazem parte da nossa equipa de futebol.

Depois de terem saído da nossa Casa, resolveram formar uma equipa que tem como título «Os Gaiatos», participando no Campeonato Experimental de Futebol. Terminado o mesmo, classificou-se em segundo lugar, ficando apurada para o Campeonato Provincial de Benguela.

Podemos informar que durante o Campeonato Experimental a nossa equipa foi algo de impressionante para todos os adversários e espectadores.

Sendo uma equipa que se apresenta, este ano, em futebol de 11, está a dar

muita dor de cabeça a outras que jogam há muito tempo.

Temos a salientar que, durante este Campeonato, Gabriel foi o homem-golo da equipa.

Esperamos que no próximo Campeonato, que principia dia 22 de Outubro, Gabriel seja o mesmo homem goolo!

Carlos Alberto

A guerra

A noite esquecida
Queimou o luar,
Deixando p'ra trás
O pó duma guerra
O fumo no ar.

O vulto da vida
Deixa em terra
Os corpos queimados
De tanto lutar!
Na cobardia das armas
Só entra a miséria
... Fugida d'amar!

Fugida d'amar,
Perdida na vida,
Por causa da guerra
Mata o amor,
Mata a saudade,
Queima a Natureza,
Escurece o luar!

No meio da guerra
Paz... não existe!
Mas sim a coragem
De mãos cintilantes,
De fogo cruzado
No meio dos Mortos
Cravados na terra!

Oh Natureza queimada
Com marcas de sangue!
Escuta a insígnia
Daquilo que digo,
Daquilo que escrevo,
Do que sou capaz:
Deixemos a guerra,
Demos força à Paz!

Sérgio Lopes Cereja

PARTILHANDO

Cont. da 1.ª pág.

desleixo e indiferença tidos ao longo dos meses, apesar das reclamações justas dos colegas ao exigir o pão ou um pão melhor. Assim se fará, claro. Justiça acima de tudo!

Qualquer comunidade, da maior à mais pequena, aqui ou em qualquer parte do mundo, não será nunca comunidade se não for sensível ou não tiver capacidade ou oportunidade para se sensibilizar, quando um ou vários elementos seus a prejudica em qualquer parcela de essencial e ela se mantém passivamente silenciosa. É um sinal de atrofiamento ou desagregação. Mas tudo depende de uma educação que não pode parar no caminho da responsabilidade e da liberdade. Esta prática é dura, porque todos pensamos pouco nos Outros.

A lição do nosso padeiro: como não quis servir a sua comunidade, é demitido a pedido da mesma e responsabilizado pelo seu comportamento. Uma tomada de posição que, pela sua justiça, é factor de educação.

Padre Moura

Três datas

● Em 10 de Outubro completou 90 anos o Dr. Avelino Soares, amigo d'infância e companheiro de escola de Pai Américo. Os nossos Padres, nesse dia, celebraram com ele a Eucaristia.

Homem muito culto, pastor d'almas, passaram-lhe ainda pela mão gerações de estudantes marcadas pela sua personalidade.

Dr. Avelino foi, sobretudo, instrumento nas mãos do Senhor quando Pai Américo (ao tempo o senhor Américo Monteiro de Aguiar) lhe bateu à porta — na rua Direita em Penafiel — por um conselho d'Amigo sobre a «martelada» que sentia: deixar os negócios do mundo e doar-se à Igreja.

«Que havia eu então de dizer-lhe? Encorajá-lo ou desanimá-lo? Preferi dissuadi-lo» — confessa Dr. Avelino. «É ainda hoje julgo que fiz bem — sublinha — porque me parece tê-lo obrigado a uma reflexão bem ponderada, entre o «sim» e o «não». Para que a sua opção brotasse de raízes profundas, porque as havia, a impregnar-se de seiva, de boa seiva, cristã e sobrenatural, que havia de expandir-se em frutos magníficos, como agora se vê e reconhece.»

«A nossa conversa tinha-se prolongado. Foi ele quem a finalizou, com este simples comentário: «Fiz bem ter vindo aqui» — remata Dr. Avelino.

Desde aí, é o que todos nós sabemos!

● Em 12 de Outubro comemorámos as «bodas de prata» do senhor D. António Ferreira Gomes como Bispo do Porto. Além de ter confirmado oportunamente a Obra da Rua como Obra da Igreja, ouvimos sempre o senhor D. António «com a paternal franqueza de quem conhece e sente e ama (a Obra da Rua), acautelando o futuro à luz da experiência e das responsabilidades do presente».

Ad multos annos!

● Se fosse vivo, o nosso Pai Américo completaria, também, 90 anos, em 23 de Outubro.

Nós, particularmente os que lidámos com ele mais de perto, recordamo-lo com saudade. É natural. Pois foi ele que nos arrancou do Lixo, que nos fez Homens. E, pela sua Obra, continua e continuará, mais e mais, «a fazer das pedras filhos de Abraão».

● Como nota final salientamos os laços d'amizade que estreitaram estes três Homens da Igreja, particularmente nas horas difíceis da Obra da Rua — a nossa Obra.

Júlio Mendes

PRESENCÇA

Cont. da 1.ª pág.

de dos anos se foi há muito, confunde-nos com a sua jovialidade, com o carinho, até o requinte com que somos recebidos. Aliás, fomos prevenidos disso mesmo. Não foi privilégio nosso. A virtude da hospitalidade é hábito da casa.

A vida paroquial está-lhes confiada. Só não administram os sacramentos; mas são elas que preparam os fiéis para eles. Baptizados, casamentos, catequese, liturgia — tudo é com elas. O sacerdote vai à semana, quando pode. E ao domingo encontra uma assembleia consciente dos mistérios que se vão celebrar.

Uma relíquia que não deixam de exhibir são os velhos livros de registo paroquial abertos no último quartel do século passado por missionários cuja memória o tempo não apaga, como os Padres José Maria Antunes, Duparquet e tantos outros, dessa pleiade que fez gloriosa a Missão da Huíla, da qual ainda há pouco partiu para o Céu a extraordinária figura de sábio e de santo que foi o Padre Carlos Esterman.

Tão breve foi esta visita... e não será fácil esquecê-la! Como que resume todos os encontros experimentados por mim até agora, de uma Igreja profundamente enraizada na alma deste Povo, mercê da generosidade e da coragem de almas que vêm em sucessão ininterrupta desde os gigantes

fundadores da Missão em Angola na segunda metade do século XIX até aos nossos tempos a outros títulos nada menos difíceis.

A vista destas Irmãs, figura sempre antiga e sempre nova da Mulher Forte de que fala a Sabedoria, é fácil compreender a veneração que as cerca, a confiança amorosa que o Povo nelas tem. Não apenas nestas quatro, a que particularmente me refiro; mas geralmente em todas as Religiosas!

É curioso que, nesta hora de contradição, foram elas das mais firmes em não arredar pé. Só de zonas completamente

devastadas. E sei de uma cidade onde as únicas mulheres que ficaram foram as consagradas a Deus para o serviço do Homem.

Por isso elas são, justamente, o melhor «salvo-conduto» que alguém de viagem pode levar consigo. Onde uma Irmã, não há barreira que se não desfaga, não há desconfiança que se não converta em respeito e carinho.

Honra a estas presenças vivas de uma Igreja presente, cuja fragilidade natural evidencia a fortaleza que as anima!

Padre Carlos

Aqui, Lisboa!

● Um dia destes, por força das circunstâncias e por impossibilidades da Casa, teve que ser dito não a um pai. Este desabafou em público para o filhito que o acompanhava: — «Olha, metes a cabeça de baixo do comboio. Está o caso arrumado!». Com quanto de impróprio contém uma ideia destas, e ainda por cima dita a uma criança, há que considerar o desespero deste pai, resultante duma situação por ele criada (?) ou que lhe foi criada (?) e que põe em perigo a vida inocente de uma criança.

Creio que o mesmo sucede com as outras Casas. Mas talvez nesta, dada a sua proximidade da Capital, a incidência de pedidos seja maior. Cada um deles é um caso. E qual o pior? O número de vítimas varia sempre entre um e quatro, pelo menos.

Já nem penso a quem atribuir as culpas de tantos casos de abandono ou de vivência na miséria, com o inevitável perigo que correm sempre os mais inocentes. Só sei que o número é alarmante. Para isto não se conhece «austeridade».

Que esteja alerta quem tem obrigação de estar. E não contem só com as Casas do Gaiato. Elas fazem o que está ao seu alcance. Elas são um mal para alguns dos respeitáveis

pensadores deste País, pedagogos da nova vaga... Eu, como quem quer embarcar nessas mesmas ideias, diria que são um mal necessário. Prouvera a Deus, e a Obra da Rua teria muita alegria nisso, que chegasse o dia em que se poderiam tranquilamente fechar as portas.

As Casas do Gaiato têm uma capacidade própria para resposta aos problemas. O esgotamento por parte daqueles que estão ao seu serviço (padres e senhoras) é nítido e a falta de quem queira trabalhar nesta vida é evidente...

Vai a Obra do Padre Américo continuar a fazer o que pode. Servindo e denunciando para que outros tomem conhecimento do flagelo e se consciencializem da gravidade da situação.

● As aulas no Ensino Primário começaram de facto. Pelo menos começaram... Mas não é isso que venho agora analisar. O que quero é convidar-vos a partilhar das nossas dificuldades. E um meio de o fazerem é ajudando na compra ou oferta de material escolar.

Não pedimos nada de novo. Pedimos a vossa colaboração. O resto fica ao vosso critério — segundo as vossas possibilidades.

Jorge

RETALHOS

O tempo frio chega a pouco e pouco. As folhas das árvores cumprindo a missão de nos resguardarem do sol quente, caem mortas no chão. A nossa vida continua enquadrada no ciclo anual da Natureza.

Em nossa Casa, o Verão é um tempo de dispersão. Nele são as férias grandes. Regressam os estudantes do Lar do Porto que se enquadram no trabalho da quinta. São os turnos da praia que vêm alterar o esquema dos serviços. Tudo isso passou.

No começo de novo ano lectivo é preciso reestruturar a vida. Os que acabaram a Telescola com aproveitamento razoável, vão para o Porto para o Liceu ou Escola Técnica deixando vagos os lugares onde trabalharam no ano anterior. Também deixam seus lugares vagos os que, chegada a idade, vão passar a trabalhar nas oficinas. Assim há que nomear alguém para limpar os refectórios e as diversas casas de habitação, quem tome conta da copa, os turnos para lavar a loiça, os cozinheiros, o chefe dos miúdos, o encarregado da limpeza das escolas, etc., etc. Da soma do esfor-

ço de cada um resultará o bem de todos. A missão em que cada um é investido é a sua participação na vida da Comunidade. E todos colaboram, mesmo os mais pequenos — os «Batatinhas» — que têm como trabalho «oficial» a limpeza das traseiras da casa-mãe e o fornecimento de lenha à padaria.

Na altura da substituição há um dia ou dois de sobreposição em que o veterano ensina o trabalho ao maçarico. Este ano assisti de perto a uma destas ensinadelas. O «Jójó» cumpriu muito relativamente o seu cargo de limpeza de uma das salas da casa-mãe e de lavar a loiça mais delicada (ao fim do seu ano não há chávena com asa inteira, nem cafeteira sem mocha e quanto a limpeza é melhor nem falar!). Pois no dia em que chegou junto dele o Ulisses, que ia tomar conta do seu pelouro, «Jójó» tomou ares catedráticos e com ar sério e convencido gastou o dia em recomendações, avisos e conselhos. Foi pena só ter tomado brio no último dia. Mas esperemos que, agora, na vacância, tome para si as recomendações que fez ao Ulisses. Precisamos sempre de esperar.

Começado o ano lectivo a vida modifica-se. De manhã parte da comunidade está ocupada na Escola Primária; à tarde, ocupados estão os que frequentam a Telescola, desde a uma e meia até perto das 19 horas. Também perto das dezanove horas partem para Penafiel os estudantes da noite que trabalham durante o dia nas nossas oficinas e à noite vão às aulas, voltando para casa perto das 23 horas.

O ano escolar começou. Que bom seria que todos os que estudam o fizessem com consciência e cuidado compreendendo o que isso é importante na sua valorização pessoal.

O começo de um novo ano é sempre um momento de esperança, que só resultará em bem se cada um ocupar e cumprir o seu lugar resultando assim o bem-comum.

O Inverno aproxima-se. As folhas caem. A Natureza parece morrer para renascer na Primavera. Também assim as etapas da vida nos matam e renovam nesta caminhada de luta que é a Vida!!

Padre Abel



Gaiato

Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa